

As TDIC e a linguagem visual: construindo novos leitores

The TDIC and the visual language: building new readers

Las TDIC y el lenguaje visual: la construcción de nuevos lectores

Sandra Virgínia Correia de Andrade Santos¹

José Teixeira Neto²

Resumo: Tendo em vista a presença efetiva e significativa das imagens nas relações sociocomunicativas contemporâneas, o artigo pretende compreender as múltiplas linguagens presentes em uma composição textual e suas relações intrínsecas como uma possibilidade de ampliação da capacidade leitora de quem as utiliza, seja produzindo ou apenas lendo. Partindo de uma abordagem histórico-social, o artigo propõe também uma reflexão sobre a linguagem visual, apresentando-a enquanto uma linguagem dotada de significado e que apresenta uma sintaxe própria. Para isso, utiliza-se da Gramática do Design Visual de Kress e Van Leewen (2000), a qual comporá sua fundamentação teórica, uma vez que a composição imagética dos textos contemporâneos, compartilhados especialmente pelas redes sociais, apresenta elementos iconográficos que promovem a interação entre o leitor e as linguagens presentes. Por conta disso, é feita uma abordagem também sobre a multimodalidade e os recursos multimidiáticos, os quais adentram nesse cenário como algo importante nas relações sociocomunicativas e, conseqüentemente, na construção de novos leitores. Dessa forma, são apresentadas as contribuições das TDIC no campo educacional, entendendo que, além de atrair o aluno, potencializa as experiências e a participação ativa dos envolvidos, assim como promove a conexão entre o mundo digital e a aquisição de novos conhecimentos, estimulando, portanto, o surgimento de leitores cada vez mais participativos e críticos.

Palavras-chave: Linguagem visual. Multimodalidade. Tecnologias digitais.

Abstract: Taking into consideration the effective and meaningful presence of images in contemporary socio-communicative relations, the present article has the goal of understanding the multiple languages present in a textual composition and its intrinsic relations as a possibility of expansion of the reading capacity of those who use them, whether producing or just reading. From a socio-historical approach, this article also proposes a reflection on the visual language, presenting it as a language endowed with meaning and that has its own syntax. For this, we use the Kress and Van Leeuwen's Grammar of Visual Design (2000), which will compose the theoretical base, given that the imaging composition of contemporary texts, especially shared through social networks, presents iconographic elements that promote interaction between the reader and these languages. Taking that into account, it is also made an approach on multimodality and multimedia resources, which play an important role on this scenario of socio-communicative relations and, consequently, the construction of new readers. Thus, the contributions of IC in education are presented with the understanding that, in addition to attracting students, they enhance the experience and the active participation of those involved and promote the

¹Mestranda em Letras pela Universidade Federal de Sergipe – Profletras/UFS/Itabaiana/Capes. Área: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Ensino de Línguas e Literatura. Professora de Língua Portuguesa das redes municipal e estadual de ensino. Tobias Barreto-SE. E-mail: sanlitera@yahoo.com.br.

²Mestrando em Letras pela Universidade Federal de Sergipe/Profletras/UFS/Itabaiana/Capes. Área: Estudos Linguísticos. Linha de pesquisa: Ensino de Línguas e Literatura. Coordenador pedagógico da rede municipal de ensino e professor de Língua Portuguesa e Literatura na rede estadual. Tobias Barreto-SE. E-mail:txrneto@gmail.com.

connection between the digital world and the acquisition of new knowledge, stimulating, therefore, the emergence of increasingly participatory and critical readers.

Keywords: Visual Language. Multimodality. Digital Technologies.

Resumen: *Teniendo en vista la presencia efectiva y significativa de las imágenes en las relaciones socio comunicativas contemporáneos, el artículo busca entender los múltiples lenguajes presentes en una composición textual y sus relaciones intrínseca como una posibilidad de ampliar la capacidad lectora de quien los utiliza, sea produciendo o apenas leyendo. Desde un enfoque histórico-social, el artículo propone también una reflexión sobre el lenguaje visual, presentándolo como un lenguaje dotado de sentido y que tiene su propia sintaxis. Para ello, se utiliza la Gramática de Diseño Visual Kress y Van Leeuwen (2000), que constituyen su fundamento teórico, ya que la composición de las imágenes de los textos contemporáneos, especialmente compartidos a través de redes sociales, presenta elementos iconográficos que promueven la interacción entre el lector y los lenguajes actuales. Debido a esto, se hace un enfoque también sobre la multimodalidad y los recursos multimedia, que entran en este escenario como algo importante en las relaciones sociocomunicativas y consecuentemente en la construcción de nuevos lectores. Por lo tanto, se presentan las contribuciones de las TDIC en el campo educativo, entendiendo que, además de atraer alumnos, potencializa las experiencias y la participación activa de los involucrados, así como promueve la conexión entre el mundo digital y la adquisición de nuevos conocimientos, estimulando, por lo tanto, el surgimiento de lectores cada vez más participativos y críticos.*

Palabras clave: *Lenguaje Visual. Multimodalidad. Las tecnologías digitales.*

Introdução

O ser humano, para realizar suas ações em sociedade, sempre se utilizou da tecnologia. No entanto, embora comumente seja associada aos recursos digitais da atualidade, sua presença é mais antiga do que se imagina. Nesse sentido, o presente artigo parte do que significa tecnologia, ressaltando que além de diariamente fazer parte da vida do indivíduo atual, também acompanhou, ao longo do tempo, a evolução humana, atendendo, portanto, às necessidades sociais que surgiam. Sempre em constante transformação, a sociedade acabou impulsionando o surgimento de novas tecnologias chegando ao que hoje é chamado de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação – as TDIC, as quais estão presentes em várias áreas da sociedade.

Percebendo, inclusive, que na geração digital a utilização das TDIC se tornou cada vez mais uma realidade e que sua presença corroborou (e corrobora) com o surgimento de novas ocorrências linguísticas, o presente artigo busca refletir sobre a presença da linguagem visual, a qual contribui significativamente para novas manifestações textuais

compartilhadas especialmente pelas tão atraentes Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação. Compreendendo, portanto, o que se chama de textos multimodais, ou ainda, os multimidiáticos, presentes nas relações sociocomunicativas, aponta-se que a presença das TDIC muito tem a contribuir para o universo educacional, em especial, no desenvolvimento de um leitor crítico e consciente daquilo que está lendo ou visualizando.

Assim, por meio da Gramática do Design Visual, de Kress e Van Leewen (2000), reflete-se sobre a diversidade imagética que nos cerca e passa-se a compreender que as manifestações multimodal e multimidiática podem nos levar a novas percepções linguísticas que possibilitam a ampliação dos conhecimentos e, conseqüentemente, contribuem para a formação de novos leitores. Daí, a importância de levar para a sala de aula os recursos digitais que os alunos dominam e que precisam ser utilizados a favor de novas experiências e da promoção de melhores resultados no ensino brasileiro.

Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação: da multimodalidade à formação de um novo leitor

Por tecnologia, entende-se um conjunto de instrumentos, métodos e técnicas utilizados para desenvolver determinadas ações. De origem grega, a palavra tem a junção dos radicais “tekhne”, que significa arte ou ofício, e “logia”, que significa estudo. De maneira bem simples, as tecnologias são utilizadas comumente na execução de ações que se servem de determinados instrumentos para um fim pré-estabelecido. Ao longo do tempo, tanto os instrumentos quanto seus métodos e técnicas se modificaram, acompanhando as transformações sociais no atendimento às necessidades da nova geração. Se analisarmos tal processo, encontramos, por exemplo, na descoberta do fogo, a tecnologia chamada primitiva. Partindo desse exemplo, temos a apropriação do homem em utilizar-se do atrito das pedras para a produção de algo de que necessitava, ou seja, temos os instrumentos (as pedras), o método (o atrito entre ambas), a técnica (maneira planejada para produzir o fogo) e o objetivo (a produção do fogo para aquecê-lo e/ou produzir alimentos). Já hoje, produzir fogo demanda um esforço bem menor e de maneira bem mais rápida e eficaz, o que não exclui o uso de uma outra tecnologia: o fósforo. Portanto, as tecnologias são criadas, recriadas e remodeladas de acordo com a sua geração, acompanhando, inclusive, a evolução humana. E ainda, elas se multiplicam, se modernizam e se atualizam. Não é à toa que hoje

convivemos com as chamadas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, as quais vêm se propagando e se consolidando rápida e socialmente.

Por Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, entende-se o conjunto de ferramentas utilizadas pelos indivíduos em suas relações pessoais e/ou profissionais, com ou sem o uso da *internet*, e que possibilitam interações nas quais se produz ou se compartilha novas manifestações textuais. “Com o advento das novas tecnologias, com muita facilidade se criam novas imagens, novos layouts, bem como divulgam criações para uma ampla audiência (DIONÍSIO, 2005, p.159). Fruto das inovações tecnológicas, as TDIC, percebidas também enquanto suporte, trazem ao homem moderno dinamicidade e rapidez em suas relações sociocomunicativas. Associadas à presença dos computadores e do uso da internet, seja por meio de desktop, notebook, tablets ou celulares, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação permitem que o indivíduo as utilize com propósitos distintos.

Para facilitar nossa análise, tomamos por base o celular. Apesar de surgir com a mesma função de um telefone fixo, diferenciando-se apenas de este ser imóvel enquanto que aquele apresenta mobilidade, o celular teve como função primária única e exclusiva a comunicação oral. Com o passar do tempo, surgiram novas necessidades, e o celular passou a ser cada vez menor e com várias outras funções: jogar *games*, mandar mensagem, ver vídeo, ouvir música, enfim, comunicar-se passou a dividir espaço com ações multifuncionais. Parece até que se passou a ter televisão, rádio, telegrama e telefone em um minúsculo e dinâmico aparelho, do qual não nos desgrudamos o dia inteiro.

E mais, com o advento do celular digital, ou melhor, multimidiático, novidades sociocomunicativas surgiram. Falar ao telefone parece ser algo raro, principalmente entre os jovens. A onda agora é mandar mensagens que se apresentam cada vez mais multimodais, ou seja, as palavras escritas passaram a dividir espaço com outras linguagens. Daí, surgem os textos multimodais da geração digital, os quais são compartilhados rapidamente e nos quatro cantos do mundo.

Apesar de os textos multimodais já existirem antes mesmo das TDIC, uma vez que o homem sempre se serviu das mais distintas formas linguísticas para realizar suas interações, é na geração atual que o compartilhamento se multiplica, além também da diversidade imagética utilizada em seus textos compartilhados. Essa composição mista de se comunicar e as facilidades de socialização têm trazido à tona as várias possibilidades significativas das imagens, como podemos observar nas figuras **1** e **2** a seguir:

Figura 1. Imagem de diálogo



Fonte: Google imagens

Figura 2. Imagem compartilhada no Whatsapp



Fonte: aparelho celular

Tais imagens exemplificam a multimodalidade linguística com que a nova geração entra em contato e compartilha constantemente. Na figura 1, temos a presença de um diálogo que retoma trechos de músicas conhecidas e que são fácil e rapidamente identificadas; prova disso é a sequência onomatopáica do “kkk” digitada por seu

interlocutor, a qual representa não só a satisfação, mas a compreensão instantânea do discurso, uma vez que as respostas ao primeiro enunciado, por exemplo, ocorrem ao mesmo tempo - 8:18PM. Logo em seguida, vemos nova postagem referente a outra música. Mais uma vez, entram em cena não só as palavras, mas as imagens que complementam a sequência musical. Ao final, temos novamente o “kkkkk”, dessa vez mais prolongado, o que conota a possível continuidade do diálogo e da aceitação e compreensão do que fora dito. Nesse caso, as imagens são fundamentais para a comunicação, pois são elas que completam a frase escrita. No entanto, é bom reforçar que a presença dessas imagens não só ilustra, mas substitui palavras, tornando a leitura mais rápida e dinâmica, além de estimular o cérebro à identificação da intencionalidade daquela imagem, uma vez que ao entrar em contato com tal multimodalidade, exige-se uma concentração no que está sendo lido e visualizado para que a comunicação realmente aconteça. Se os elementos imagéticos não forem desvendados, não haverá a compreensão de que se trata de músicas. Já a figura 2, também muito compartilhada nas redes sociais, são imagens textualizadas para, geralmente, provocar riso e/ou propagar, por exemplo, pensamentos filosóficos, sociais e culturais. No exemplo da figura 2, com a criatividade do uso da palavra “Japa” e com o neologismo criado e associado à imagem escolhida, chega-se ao propósito comunicativo que é avisar que é hora de dormir, com um valor imperativo mas lúdico.

Por meio das redes sociais, o indivíduo moderno entra em contato constantemente com mensagens multimodais. No entanto, não há a presença apenas de mensagens iconográficas ou multimodais. É muito comum o compartilhamento também de áudios e vídeos, corroborando com a característica multimidiática cada vez mais presente no celular.

Essa possibilidade, proporcionada pelo uso das Tecnologias Digitais da Comunicação e Informação, associada à presença da multimodalidade linguística, não só amplia a participação da sociedade, como também promove o conhecimento de quem as utiliza. Nesse cenário, encontramos nossos estudantes, os quais as manuseiam diariamente. Daí, a importância de trazer para o universo escolar as ferramentas que o próprio aluno está familiarizado e, o importante, sente-se constantemente atraído. Seja em grupo ou individualmente, a presença das TDIC's tende a contribuir positivamente para as práticas pedagógicas, levando o ensino a promover melhores resultados.

Nesse sentido, o uso das novas tecnologias como ferramenta pedagógica potencializa as experiências e participação dos envolvidos e promove a conexão entre o

mundo digital e a aquisição do conhecimento. Com esse olhar, é possível verificar as distintas formas de representação utilizadas nos processos comunicativos advindos da era tecnológica e que podem contribuir para a aquisição do conhecimento, não se esquecendo de que não se trata apenas de um recurso ou de um suporte, mas de instrumentos permeados de características próprias para as interações vigentes. “A tecnologia, assim como qualquer produto social, não é por si só positiva ou negativa. Seu resultado prático vai depender grandemente do tipo de uso que dela fazemos (BRAGA, 2009, p.189).

A linguagem visual presente nas TDIC's: o que diz a Gramática do Design Visual?

Comunicar-se hoje vai muito além de escrever ou pronunciar palavras. Os gestos, os sons, as imagens, os detalhes gráficos fazem parte das relações sociocomunicativas da nova geração, não apenas como formas ilustrativas, como muitos pensam, mas como parte constituinte de sentido, atendendo, portanto, à sua intencionalidade. E mais, os modos distintos de produzir os textos na contemporaneidade geram também modos distintos de lê-los. Essa dinamicidade tanto na produção, quanto na interação é responsável pelo desenvolvimento de novas habilidades leitoras, pois quando o indivíduo reconhece determinadas pistas linguísticas, sua capacidade leitora evolui significativamente. Chamado de hiperleitor por Sousa (2009), esse indivíduo “vai fazendo escolhas e descobertas que o levarão à construção de um sentido”, e ainda, “usam estratégias lógicas que consistem em perceber a manutenção da unidade temática do texto”. Tal habilidade ocorre, principalmente, pela capacidade de compreender a linguagem multimodal presente nas manifestações textuais modernas.

Desse modo, pode-se dizer que a percepção da multimodalidade e o aprofundamento de sua presença e funcionalidade contribuem para novas aprendizagens, ou seja, nossa capacidade leitura passa a ser pluralizada. Isso quer dizer que a diversidade de situações comunicativas, bem como a percepção dos recursos linguísticos presentes e interativos entre si possibilitam a ampliação do conhecimento, já que aumentam o leque de informação e, conseqüentemente, de aprendizagem.

Portanto, a ampliação dos recursos linguísticos permeados pela tecnologia permite novas formas de interação entre o leitor e o texto. Com o alargamento tecnológico a partir do século XX, as TIC e, mais tarde, as TDIC provocaram o surgimento de novas percepções e

concepções digitais, em especial, no campo educacional. Segundo Pretto (1995, p.115) citado por FREIRE (2000, p. 102),

a presença desses recursos, como fundamento da nova educação, transforma a escola, que passa a ser um novo espaço, físico inclusive, qualitativamente diferente do que vem sendo. Sua função, nessa perspectiva, será a de constituir-se num centro irradiador de conhecimento, com o professor adquirindo, também e necessariamente, uma outra função. Função de comunicador, de articulador das diversas histórias, das diversas fontes de informação (PRETTO, 1995, Apud FREIRE, 2000, p. 102).

Na sociedade digital em que nos encontramos, o processo midiático e multimodal presente nas novas tecnologias é de grande relevância na educação. As possibilidades de interação, comunicação, socialização, discussão e flexibilidade são infinitas. Diante disso, é possível estimular os alunos à leitura e à interpretação, bem como incentivá-los a analisar, relacionar e criticar, construindo, assim, o seu próprio saber de maneira significativa e autônoma.

Nessa perspectiva, utilizar tal ferramenta na prática docente é, além de muitas outras possibilidades, construir conhecimentos acerca da linguagem multimodal vigente, modificando muitas vezes as formas de pensar, suas atitudes e seus valores, acrescentando-lhes reformulações estruturais e cognitivas e tirando a inércia do leitor. “O papel da educação deve voltar-se também para a democratização do acesso ao conhecimento, produção e interpretação das tecnologias, suas linguagens e conseqüências” (SAMPAIO; LEITE, 1999, p. 15).

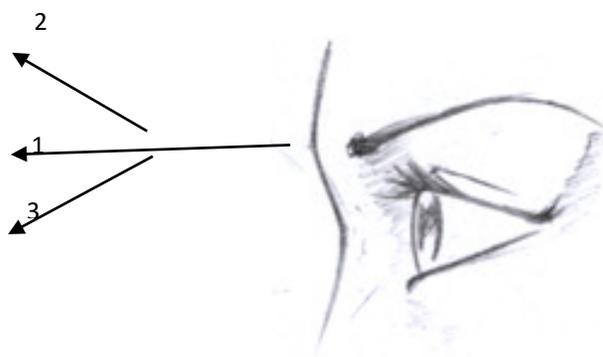
Consideradas como pistas textuais, as marcas multimodais atraem o olhar do leitor para percorrer por todo o conjunto textual, numa leitura que se inicia pela imagem central e parte para as direções que completarão seu contato inicial, como se pode perceber nas figuras 3 e 4:

Figura 3.



Fonte: Google Imagens

Figura 4.



Fonte: Google Imagens

As figuras citadas tentam ilustrar um pouco o que acontece quando o leitor entra em contato com os textos compartilhados pelas TDIC. O interlocutor, ao receber a mensagem, leva seu olhar primeiramente à imagem central, a partir da qual se inicia o processo de leitura e, em seguida, progride para a leitura do texto escrito, o qual vai compactuar com a imagem utilizada. É bom entender que essa movimentação “ocular” é rápida e intuitiva. Na figura 3, tem-se a representação do leitor hipotético, que direciona o olhar para a figura 4 a fim de compreender a mensagem que lhe é passada. Mas o processo de leitura não para por aí. É nesse momento que o cérebro é ativado a perceber a relação dos elementos presentes na mensagem. A escolha do cachorrinho e sua posição realiza uma relação de conformidade com o objetivo textual, que é desejar uma “Boa noite” ao seu interlocutor. Além da composição imagética, há também a disposição das palavras escolhidas, bem como sua formatação. Se observarmos bem, o texto localizado na parte superior possui um tamanho menor, culminando com a tranquilidade desejada por seu emissor. Como se trata de um desejo de boa noite, que parte do querer tranquilidade e suavidade, as palavras escolhidas estão interconectadas com a imagem central, pois o cachorro transparece essa tranquilidade. Ao utilizar-se do “Boa noite” em letras maiores, finalizando a mensagem, o emissor expressa um desejo de que aquilo de fato aconteça.

As imagens, como se pode perceber no contato diário com amigos, parentes e colegas de trabalho, por exemplo, têm ocupado grande espaço nas interações realizadas pelos indivíduos modernos. Vivendo em uma geração digital em que se precisa desenvolver leituras rápidas, pois muitas outras mensagens ainda devem ser lidas, a imagem tende a corroborar com essa realidade uma vez que, ao contrário das palavras, não há a necessidade de juntar sílabas, ler as palavras e montar as frases para compreender o enunciado. A imagem traduz de maneira integral, em um só olhar, o que se pretende dizer.

Diante disso, a Gramática do Design Visual, desenvolvida por Kress e Van Leewen (2000), baseada na linguística sistêmico-funcional de Halliday (1994), possibilita-nos novas percepções quanto à presença da linguagem visual presente nas manifestações textuais difundidas atualmente. Com a categorização apresentada por eles, a linguagem verbal, considerada um modo dominante de comunicação na cultura ocidental, passou a dividir espaço com a linguagem visual e a ter o mesmo valor, de acordo com os novos estudos linguísticos, evidenciando a função discursiva tanto da palavra quanto da imagem.

Nesse sentido, a densidade de imagens visuais presentes na sociedade contemporânea provocou um contínuo avanço nos estudos da linguagem, tendo em vista a sintonia entre a linguagem verbal e a não-verbal. Percebendo, portanto, a presença das imagens nessas relações não como uma simples ilustração, mas como importantes componentes significativos, a GDV de Kress e van Leeuwen (1996) vem repensar o texto visual e seus contextos de uso, bem como associá-lo à construção de significados e suas implicações sociais. Isso significa que os elementos componentes das imagens não se encontram aleatoriamente constituídos, mas apresentam um condicionamento lógico-estrutural e com funcionalidade discursiva e intencional. Assim, os elementos da linguagem visual são compostos de uma sintaxe na qual elementos se organizam formando um todo coerente.

Para Kress e van Leeuwen, a linguagem visual, assim como a linguagem verbal, também é composta por uma estrutura gramatical, a qual, nesse caso, é dividida em três dimensões: a metafunção representacional (representação do mundo de maneira concreta ou abstrata), a metafunção interacional (construção das relações interativas) e a metafunção composicional (relações de significado a partir do papel desempenhado pelos seus elementos internos). Essa abordagem sistemática discute sobre um conjunto de regras e normas formais que afastam a percepção de que as imagens se apresentam como códigos desprovidos de significados e sem uma estrutura que as organize. Percebendo tais características, a linguagem imagética é observada a partir de sua função e metafunção, as quais são reflexos de uma estrutura cujos elementos se correlacionam para a construção do sentido.

Assim como foram analisadas as imagens anteriormente, estudar a linguagem visual numa geração tecnológica é compreender seu processo de comunicação, o qual vai além da utilização de palavras, pois estes elementos se misturam produzindo cada vez mais a multimodalidade linguística. Essa presença marcante, portanto, requer uma compreensão de todos os modos semióticos presentes no texto para que os significados sejam percebidos satisfatoriamente e a comunicação se dê por completo. Como no exemplo das figuras 3 e 4, o leitor pode limitar-se à compreensão de que se trata apenas de um desejo de boa noite, mas não lhe é dado o *insight* de que a imagem e as letras escolhidas não se tratam apenas de um cachorro fofinho, que ali está para ilustrar, e de uma frase escrita, respectivamente. Ao leitor crítico, capaz de inferir as relações linguísticas presentes na multimodalidade, é

dada a capacidade de perceber que a informação vai além de um simples desejo de boa noite.

Além de tudo o que fora dito até aqui, o uso das imagens passou a figurar significativamente em diversas áreas, provocando mudanças e alterações, inclusive, na linguagem escrita. Os *emoticons* (pequenas imagens que representam emoções nos diálogos escritos) são exemplo disso. Enquanto antes era necessário descrever como o indivíduo se sentia naquele momento, hoje basta utilizar-se de um *emoticon* para que o outro reconheça como se encontram as emoções do seu interlocutor. Para comprovar essa afirmativa, basta acessar as redes sociais, utilizadas não só pelas crianças e jovens, mas por aqueles que perpassam pela cultura digital.

Hoje vivemos na chamada “civilização da imagem”. É a era da visualidade, da cultura visual. Há imagens por toda a parte. E, com a entrada da tecnologia na produção das imagens, modificaram-se as bases do conhecimento humano. As crianças, desde cedo, aprendem a interagir com elas através de comandos nos videogames e computadores e aprendem a produzir e consumir imagens de toda ordem (ROSSI, 2009, p. 9).

Dessa forma, o grande volume de informações recebidas pelas mudanças tecnológicas contribui para o aumento de interesse pelos textos multimodais. Isso quer dizer que, atualmente, é praticamente impossível ler textos de maneira eficiente considerando apenas a linguagem escrita. A partir dessa realidade, tem-se a necessidade significativa de compreender as três estruturas básicas propostas por Kress e Leeuwen, as quais, como já fora dito, apresentam metafunções que organizam a informação visual dos textos, ou seja, há uma organização metafuncional que considera as estruturas básicas da linguagem visual, como se pode observar nas análises feitas até aqui. Vejamos, portanto, de maneira bem sintética, como a Gramática do Design Visual caracteriza a estrutura imagética:

1. **Representacional** – é a função desempenhada pelos participantes representados, sejam eles pessoas, objetos ou lugares. Essa metafunção é subdividida em:
 - a. **Estrutura narrativa** – ocorre quando há elementos que indicam ações sendo realizadas, ou seja, embora as imagens permaneçam estáticas, sua disposição traduz uma narratividade.
 - b. **Estrutura conceitual** – os participantes são expostos como se estivessem subordinados a uma categoria superior.

2. **Função interativa** – estabelece estratégias de aproximação ou afastamento entre o produtor do texto e o seu leitor, percebendo o nível de envolvimento. Nessa metafunção, são apontados os seguintes recursos:

a. **Contato** – é determinado pelo vetor que se forma quando o participante representado olha diretamente para o leitor, convidando-o à interação.

b. **Distância social** - é a disposição perto ou longe do participante representado.

c. **Perspectiva** – é o ângulo ou ponto de vista em que os participantes são representados, seja de maneira objetiva ou subjetiva.

d. **Modalidade** – são os diversos mecanismos que permitem modalizar as imagens quanto à representação do real, da objetividade ou até mesmo do irreal.

3. **Composicional** – integra os elementos representacionais e interativos para a construção de sentido. Nesse caso, são necessários três sistemas inter-relacionados:

a. **Valor de informação** – a posição ocupada tanto pelo participante quanto pelo espectador dentro da composição visual determina certos valores informacionais. Ou seja, seu posicionamento está intimamente relacionado à sua intencionalidade.

b. **Saliência** - são os elementos que se apresentam em disposição organizada para chamar a atenção do espectador.

c. **Estruturação** – é a presença ou não de elementos interligados e como estes se encontram na disposição das imagens.

Percebe-se, portanto, que a linguagem visual apresenta distintos elementos que são escolhidos e utilizados com uma intencionalidade que deve ser compreendida pelos seus leitores. Assim, para Costa (2013, p. 63),

A leitura da imagem não é um mergulho no desconhecido, pois o autor organizou sua obra de maneira a que ela seja lida pelo observador: ele criou um recorte; hierarquizou as figuras; com a luz colocou certos aspectos em evidência, encobrando outros; aproximou certos elementos do público, deixando outros ao fundo. Ele orienta o observador por meio de gestos emprestados às figuras e de linhas e movimentos pelos quais nosso olhar se esgueira.

Diante de toda a análise abordada até aqui, fica evidente que a linguagem visual apresenta claramente normas e estruturas que contribuem para sua construção de sentido. Ao contrário do que se pensava, as imagens não possuem função ilustrativa simplesmente. Assim como todas as outras, a linguagem visual estrutura-se para a construção de sentido, corroborando para a presença de um novo texto. No entanto, para a compreensão significativa do texto visual, é necessário

identificar os elementos construtores de seu sentido, bem como compreender suas normas e estruturas semióticas, capacitando cada vez mais o seu observador para novas leituras visuais e habilitando o indivíduo quanto aos aspectos linguísticos de um texto, seja ele verbal ou visual.

A produção de sentidos é construída na interação, por meio de escolhas linguísticas e estratégias discursivas várias, as quais constituem o objeto de estudo da prática da análise linguística. Desse ponto de vista, a AL seria um meio para os alunos ampliarem as suas práticas de letramento, já que auxilia na elaboração e compreensão de textos orais e escritos dos mais diversos gêneros (MENDONÇA, 2006, p. 73).

Diante dessa observação, trabalhar a leitura visual em sala de aula é desenvolver competências importantes perante as novas manifestações textuais. Ao passo em que se reconhece a linguagem utilizada e as estruturas visuais, considerando as múltiplas semioses e sua funcionalidade, tem-se a compreensão da unidade global do texto e, conseqüentemente, a presença de um novo leitor.

Considerações Finais

Muito embora a presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação ainda representem um grande desafio na educação, especialmente pela constante resistência de grande parte dos professores, há uma consonância de que utilizá-las pedagogicamente pode contribuir de forma significativa na área educacional. Nesse sentido, a mediação pedagógica pode ser o melhor caminho. No entanto, para que isso aconteça, é preciso apropriar-se da dinamicidade que as tecnologias nos oferecem e preservar a participação do aluno enquanto sujeito-gente, uma vez que os recursos digitais não devem ser mais um instrumento para simplesmente a exposição de conteúdos, mas para a reflexão e compreensão dos processos envolvidos, tornando os alunos cada vez mais autônomos e capazes de inferir as informações presentes nas manifestações textuais compartilhadas no mundo atual. Só assim, teremos o despertar de novos leitores, os quais buscarão nas múltiplas linguagens, percepções que os levarão a novos conhecimentos.

Referências

BRAGA, Denise Bértoli. Práticas letradas digitais: considerações sobre possibilidades de ensino e de reflexão social crítica In: RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião et al. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

COSTA, Cristina. **Educação, imagem e mídias**. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

DIONISIO, Angela Paiva. **Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita**. In: Marcuschi Luiz Antônio. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KRESS, G; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London: Routledge, 2000.

FREIRE, Gustavo Henrique. **Construindo um hipertexto com o usuário**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a10v29n3.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2012

MENDONÇA, Márcia. Análise linguística: refletindo sobre o que há de especial nos gêneros. In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. **Diversidade textual – os gêneros na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ROSSI, Maria Helena Wagner Rossi. **Imagens que falam: leitura da arte na escola**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2009

SAMPAIO, M. N. e LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização Tecnológica do Professor**. Petrópolis. RJ: Vozes, 1999.

SOUSA, Socorro Claudia Tavares de. As formas de interação na internet e suas implicações para o ensino de língua materna. In: RODRIGUES JÚNIOR, Adail Sebastião et al. **Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Singular, 2009.

SILVA, Eli Lopes da; ABRAHÃO, Alessandro de Matos. Webquest e prática pedagógica: construção e uso de uma ferramenta para publicação. In: **CONGRESSO Nacional de Ambientes Hipermídia para Aprendizagem (CONAHPA)**, 5, 2010, Pelotas. Anais... Pelotas, RS: Universidade Católica de Pelotas, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Pelotas, 2010. (CDROM).

Recebido em: 11/05/2015

Aceito em: 15/09/2015